

INDÚSTRIA DIMINUI PRODUÇÃO

Trabalhadores têm jornada de trabalho reduzida, temem o desemprego e se mobilizam para uma possível greve geral

São Paulo — Uma semana após o anúncio do pacote fiscal, precedido pela alta dos juros, a sensação de industriais e comerciantes é de que um furacão passou sobre suas empresas. "Ninguém sabe o que está acontecendo. Ainda há muita poeira e o horizonte não é claro", diz Roberto Macedo, presidente da Eletros, a entidade que representa os fabricantes de produtos eletroeletrônicos, um dos setores mais atingidos pelo vendaval.

Enquanto se recobram do susto, os empresários começam a ajustar a produção para os novos níveis de demanda e revêem planos de investimentos. As montadoras saíram na frente anunciando férias coletivas para baixar os estoques de veículos nos pátios. Os fabricantes de televisores refazem as contas e prevêem uma queda de vendas de 20% nos dois últimos meses.

O comerciante Girz Aronson, dono da rede de lojas G. Aronson, uma das maiores de São Paulo era, na última semana, a imagem da crise provocada pelas mudanças na economia. Trabalhador incansável, ele chega diariamente à loja na rua Conselheiro Crispiniano, no Centro de São Paulo, religiosamente às 7h da manhã. Patrão exigente, não gosta de ver vendedor de braços cruzados. Mas, nos últimos dias, ele conta, os empregados passavam o tempo jogando baralho. As vendas diminuíram e Aronson calcula que desde o aumento dos juros elas já caíram 40%. "Todo mundo está atônito com esses juros absurdos", lamenta-se.

Até setembro, o setor de eletroeletrônicos encolheu 15% em relação ao ano passado. Nos setores têxtil e de bebidas os investimentos estão sendo cancelados. E o medo do desemprego ronda os trabalhadores que já começam a preparar a reação.

A Central Única dos Trabalhadores (CUT) está entrando em contato com os sindicatos a ela filiados para esclarecer dúvidas sobre o pacote. De acordo com o secretário de Política Sindical da Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CMN), Marco Maia, já há discussões entre as entidades sindicais em torno de uma greve geral para a primeira quinzena de dezembro. "Antes temos muitos debates para fazer com empresários de diferentes setores e metalúrgicos", afirma Maia. A CMN reúne 91 sindicatos e representa 915 mil trabalhadores.

DESEMPREGO

Segundo o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Luis Marinho, "se houver clima, a greve pode ser bem vinda". Marinho explicou que as entidades estão com esforços concentrados na Marcha do Desemprego, que deverá acontecer em 5 de dezembro na Avenida Paulista e reunirá diferentes categorias. "Já estamos sentindo o cheiro de desemprego como em 1981. Vamos conversar com os empresários para encontrar uma saída", disse o líder sindical. Em 1981, início de um período de três anos de recessão, a saída encontrada pelos trabalhadores foi a greve geral.

Para Maia, a expectativa é que nos próximos meses, época de pico de contratações temporárias por causa do Natal, o nível de desemprego aumente entre 2% a 3%. "Acreditamos que a taxa deve atingir em torno de 17% na Grande São Paulo em dezembro", afirmou Maia. "O que está mantendo o clima de certa tranquilidade entre os metalúrgicos é que os salários não foram reduzidos mesmo com a diminuição da jornada de trabalho", disse o secretário.

O Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Sócio-econô-

Ronaldo de Oliveira 4.2.97



Macedo, apreensivo: "Ninguém sabe o que está acontecendo. Ainda há muita poeira e o horizonte não é claro"

micas (Dieese) ainda não tem estimativas de desemprego para 1998. O economista do Dieese, Antonio Prado, afirmou, entretanto, que com a chegada das primeiras medidas de contenção do governo, começou a ser definida "uma trajetória de desemprego mais nítida". Em setembro, o índice fechou em 16,3%, o que corresponde a 1,4 milhão de pessoas sem postos de trabalho. "Nos próximos meses teremos níveis recordes de desemprego na história econômica recente do país", disse Prado.

O Sindicato dos Fabricantes de

Autopeças (Sindipeças) também deve ser parcialmente atingido nos próximos meses. A entidade informou que as empresas do setor estão definindo a política de cortes dependendo da posição das montadoras. "Parte do contingente que atende Ford e Volkswagen deve optar por diminuição de jornada e aumento das férias coletivas, por exemplo. Fiat e GM ainda não tem posição a respeito", disse o presidente do sindicato, Paulo Butori. O Sindipeças reúne 542 empresas, chegou a representar 340 mil trabalhadores em 1992 e hoje engloba 192 mil. Desde

maio este número é estável.

A Abinee (entidade que representa as empresas de bens de capital, consumo e componentes eletrônicos) informou que as encomendas do setor de componentes eletrônicos estão suspensas e algumas empresas darão férias coletivas aos funcionários. Nos três segmentos que fazem parte da entidade, que reúne 165 mil trabalhadores, a expectativa é que não aconteçam cortes, mas a situação só começa a estabilizar dentro de 60 a 90 dias, informou Nélson Freire, presidente da Abinee.